

Mariana Braga de Sousa
Graduanda em
Bacharelado em
Jornalismo pela
Universidade Federal do
Amapá (2021). Durante a
graduação trabalhou na
Comunicação e Difusão do
Observatório Popular do
Mar, projeto financiado
pelo CNPq.

Paloma França Castro
Mestre em Comunicação e
Bacharela em Relações
Públicas pela UFMA.
Atualmente é Analista de
Comunicação e Marketing
no Sicredi e Professora
Substituta no Curso de
jornalismo da Universidade
Federal do Amapá -
UNIFAP

A ABORDAGEM MIDIÁTICA DO RACISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO CASO LIBERATUM EM SALVADOR

RESUMO

O Festival Liberatum, realizado pela primeira vez no Brasil com a proposta de valorizar a cultura afro-brasileira e promover a mudança social, foi marcado por episódios de racismo contra alguns artistas presentes no evento, o que gerou repercussão pública e expôs tensões entre o discurso institucional e as práticas observadas. Diante dessa contradição, esta pesquisa tem como objetivo analisar a forma como a cobertura jornalística retratou o caso, buscando compreender de que maneira eventos e coletivos progressistas também reproduzem lógicas vinculadas ao racismo estrutural ainda persistente na sociedade brasileira contemporânea. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória-descritiva, estruturada como estudo de caso. As matérias publicadas na internet sobre o caso foram filtradas e analisadas de forma técnica, para entender como cada veículo abordou o assunto e se trouxeram profundidade para o tema. A partir da análise desse material, e com o aparato teórico de autores que retratam o racismo na mídia de forma crítica e relevante, como Lélia Gonzalez e Stuart Hall, foi possível identificar um padrão recorrente nas abordagens midiáticas: a superexposição das vítimas, frequentemente retratadas por meio de narrativas centradas no sofrimento individual, e a preservação da imagem dos agressores, cuja identificação e contextualização são muitas vezes omitidas ou suavizadas. Essa forma de cobertura contribui para a manutenção de estruturas simbólicas que reproduzem desigualdades raciais e deslocam o foco da denúncia. Deste modo, a pesquisa evidencia, assim, a importância de uma abordagem crítica sobre os modos como a mídia representa episódios de violência racial e seus desdobramentos sociais e comunicacionais. Trabalho de grande interesse para estudos e pesquisas de jornalismo, além, claro, das questões atuais sobre racismo.

Palavras-chave Liberatum; Mídia; Racismo; Jornalismo.

THE MEDIA APPROACH TO RACISM IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE LIBERATUM CASE IN SALVADOR

ABSTRACT

The Liberatum Festival, held for the first time in Brazil with the aim of valuing Afro-Brazilian culture and promoting social change, was marked by episodes of racism against some artists present at the event, generating public repercussions and exposing tensions between institutional discourse and observed practices. Given this contradiction, this research aims to analyze how news coverage portrayed the case, seeking to understand how progressive events and collectives also reproduce logics linked to the structural racism that persists in contemporary Brazilian society. This is a qualitative, exploratory-descriptive study structured as a case study. Articles published online about the case were filtered and analyzed technically to understand how each outlet addressed the issue and whether they provided in-depth insights. Based on the analysis of this material, and with the theoretical framework of authors who portray racism in the media critically and relevantly, such as Lélia Gonzalez and Stuart Hall, it was possible to identify a recurring pattern in media approaches: the overexposure of victims, often portrayed through narratives centered on individual suffering, and the preservation of the image of the aggressors, whose identification and contextualization are often omitted or softened. This form of coverage contributes to the maintenance of symbolic structures that reproduce racial inequalities and shift the focus away from reporting. Thus, the research highlights the importance of a critical approach to the ways in which the media represents episodes of racial violence and their social and communicational consequences.

Keywords: Liberatum; Media; Racism; Journalism..

Este artigo passou por
avaliação por pares cega e
software anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

INTRODUÇÃO

Em 2023, dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostraram que os números de crimes de injúria racial, racismo e homofobia tiveram aumento no ano de 2022 em todo o país, quando comparados ao ano de 2021. De 1.464 casos registrados em 2021, foram contabilizados 2.458 casos em 2022, ou seja, a taxa nacional ficou em cerca de 2 casos a cada 100 mil habitantes, um aumento que representou 67% com relação a 2021. Os estados com os maiores números de ocorrências registradas desse cunho foram: Rondônia, Sergipe, Acre, Espírito Santo, e o estado do Amapá, com cerca de 6 casos a cada 100 mil habitantes.

Conforme os dados acima, é possível notar um aumento no número de casos, o que entra em um questionamento social, pois com base nos dados, nota-se uma sociedade contemporânea que ao invés de progredir, a massa regride quando se trata de racialidade. De acordo com Silvio Almeida (2019), o racismo é estrutural e estruturante às relações sociais e, portanto, influencia na formação de cada indivíduo. E ao seguir nesse conceito, pessoas são constrangidas cotidianamente na própria dinâmica em que vivem devido à sua raça. Ainda de acordo com Almeida, apesar do racismo estrutural ser transgressor, esse é um problema que tem uma dimensão naturalizada dentro da sociedade, que cria as relações em um padrão de “normalidade”.

Segundo Moura (2021), o racismo é notado em vários eixos de uma sociedade. Entre eles, a mídia aparece como um instrumento que poderia ser utilizado para tratar com profundidade e pluralidade pautas sensíveis, mas em vez disso, ao longo dos anos, a mídia hegemônica brasileira de alta performance mesmo que com avanços no que se refere a essas coberturas, perpetua alguns estereótipos que podem contribuir para atitudes racistas, visto que muitas pessoas ainda acessam as informações por meio da mídia tradicional.

Com base nessas afirmações, neste trabalho analisamos o evento *Liberatum*. Criada em 2001, essa organização internacional destaca a cultura e a arte negra, que ao longo dos anos, já promoveu festivais em 13 países, e reuniu grandes nomes das artes, dos negócios e da tecnologia para debater inclusão e representatividade. Em 2023, o estado de Salvador foi sede do evento e reuniu astros internacionais, atores e atrizes, personalidades negras, além de influenciadores digitais. E nesse caso, alguns influenciadores, com menos seguidores, alegaram terem sido alvo de comportamentos racistas. O episódio de racismo ganhou notoriedade, após repercutir nas redes sociais.

Diante do cenário apresentado, optamos pela metodologia de estudo de caso para a análise do fenômeno em questão. Tal escolha justifica-se pela capacidade do estudo de caso em proporcionar uma visão aprofundada sobre eventos da vida real, evidenciando seu caráter de investigação empírica de ocorrências contemporâneas. Para tanto, apresentamos um recorte sobre o caso, em que analisamos reportagens e matérias publicadas na *web* sobre o assunto. A pesquisa partiu de uma busca no *Google* por meio de guias anônimas, a partir das palavras-chaves “racismo” e “*liberatum*”. O critério utilizado foi que, os quatro *links* que mais se repetiram nas pesquisas foram selecionados, com base nas recomendações aleatórias de cada dispositivo. Ao todo, pesquisamos em 10 aparelhos eletrônicos diferentes, pois entendemos que 10 pesquisas representam contas e preferências diferentes no algoritmo. E para contribuir neste debate, o trabalho se propõe analisar como esses relatos de racismo no evento *liberatum* foram divulgados pelo jornalismo brasileiro. E ainda, discutir e analisar a relação entre mídia, jornalismo e racismo estrutural. Assim, a pesquisa apresenta como o racismo é enquadrado no cenário jornalístico, e dispõe alternativas de fazer uma cobertura assertiva e antirracista.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Stuart Hall (2016), teórico cultural jamaicano-britânico, o racismo não se manifesta apenas através de preconceitos individuais, mas está profundamente enraizado nas estruturas sociais e culturais. O autor argumenta que o racismo é uma

construção discursiva que articula tanto elementos biológicos quanto culturais, perpetuando desigualdades e estereótipos.

Hall (2016) também discute a ideia de identidades culturais como processos em constante transformação, influenciados por contextos histórico-culturais e de poder. O autor sugere que as identidades são formadas e reformadas através de representações e práticas culturais que podem tanto reforçar quanto desafiar estruturas de dominação. O incidente no festival destaca como espaços culturais podem, inadvertidamente, reproduzir dinâmicas de exclusão, mesmo quando seu objetivo é promover a inclusão.

Além disso, Hall (2016) enfatiza a importância de reconhecer as múltiplas dimensões do racismo, que vão além de atitudes individuais e estão enraizadas em práticas institucionais e culturais. Ele propõe uma abordagem crítica que analisa como o racismo é reproduzido e desafiado em diferentes contextos sociais.

Maciel (2020) afirma que o racismo brasileiro é um problema que não pode ser reduzido a apenas uma característica, visto que é um processo de multífaces com agentes interpretativos e contextos diferentes. O racismo é apontado como uma problemática que afeta grande parte da população brasileira, a precursora do Movimento de Mulheres Negras no Brasil e escritora Lélia Gonzalez, tenta elucidar por meio de um de seus textos como isso funciona na prática. A autora destaca que o racismo é um problema reconhecido e vivido por alguns membros das sociedades, no entanto é invisibilizado por falta de priorização, ou seja, existe um chamado 'racismo por omissão', em que a sociedade e parlamentares responsáveis não querem lidar ou discutir soluções para o caso. Focado no tema do artigo é possível trazer o conceito de dispositivo de racialidade que a filósofa e autora brasileira Sueli Carneiro traz na tese do seu doutorado, o qual indica que é possível combater o racismo por meio da arte, sendo utilizada no enfrentamento e denúncia. Todos esses aspectos trazidos pelos autores citados podem ser identificados na mídia hegemônica brasileira. Observa-se que dentro da estrutura social, o racismo permanece no imaginário das pessoas e cria-

se o privilégio do branco, que muitas vezes está relacionado e inserido intrinsecamente dentro dos veículos de comunicação. Em consonância com o assunto, Stuart Hall (2016) discute como as representações racializadas na mídia e na cultura popular contribuem para a manutenção do racismo estrutural, ao perpetuar estereótipos e imagens negativas de grupos raciais. Ele argumenta que essas representações têm um poder simbólico e cultural significativo, que ajuda a marcar, classificar e hierarquizar o mundo em posições binárias, separando e excluindo tudo o que é diferente.

A MÍDIA BRASILEIRA E O RACISMO

O racismo na mídia brasileira tem suas origens na escravidão, que durou quase três séculos e meio no Brasil, terminando oficialmente em 13 de maio de 1888 com a abolição da escravatura.

A partir desse contexto histórico, o racismo foi perpetuado e refletido nos meios de comunicação ao longo do tempo e as consequências sociais para a população negra foram negativas e duradouras, visto que a escravidão deixou um legado de desigualdade que se reflete em diversos aspectos da vida dos negros no Brasil, por exemplo, as consequências sociais de ordem econômica, expressas na desigualdade que afeta a vida dessa população. É evidente que a comunidade negra enfrenta maiores dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e possui presença majoritária em posições de menor remuneração e prestígio.

Outro ponto é a discriminação e preconceito: Segundo Hall, o racismo estrutural perpetua estereótipos negativos e discriminação afetando a autoestima e as oportunidades de ascensão social dos negros. A mídia brasileira apresenta uma sub-representação significativa de pessoas negras, tanto em posições de destaque quanto entre os proprietários dos grandes veículos de comunicação. Isso porque os principais meios de comunicação no Brasil estão concentrados nas mãos de poucas famílias brancas, como os Marinho (Grupo Globo), Abravanel (SBT), Macedo (Record), Saad (Bandeirantes), Frias (Folha de São Paulo) e Sirotsky (Grupo RBS).

Portanto, o racismo na mídia é uma manifestação do racismo estrutural e institucional, em que as instituições e estruturas sociais conferem privilégios e desvantagens baseados na raça:

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (Almeida, 2020, p. 50).

Nesse sentido, para corrigir as desigualdades raciais, é necessário promover uma mídia mais inclusiva e plural, que represente adequadamente todos os grupos sociais e contribua para a formação de uma opinião pública mais bem-informada. Compreendemos que o objetivo é discutir a problemática do racismo na mídia brasileira, partindo de suas origens fincadas na escravidão, mas refletindo também sobre a implementação de políticas públicas e ações que possibilitem que a mídia seja mais inclusiva e evitem situações ou eventos como o do Liberatum. Para fazer frente a este cenário, sugerimos: 1) o incentivo e o apoio à criação de mídias alternativas que deem voz a grupos historicamente marginalizados, promovendo uma maior diversidade de narrativas e perspectivas; 2) a adoção de políticas internas que promovam a inclusão e a igualdade racial, como programas de treinamento sobre diversidade e combate ao racismo.

Enfatizamos que é imprescindível produzir e divulgar conteúdos que desmistificam estigmas e promovam uma imagem positiva e realista das minorias, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa busca analisar a cobertura jornalística do caso de racismo ocorrido no Festival Liberatum em 2023, na cidade de Salvador, Bahia, e, nesse

contexto, compreender como eventos e coletivos progressistas podem ser afetados pelas condicionantes do racismo estrutural. Com essa finalidade, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória-descritiva e classificada como básica. Conforme Gil (2002), essa modalidade de pesquisa é frequentemente adotada por pesquisadores da área social que objetivam uma intervenção prática. A estrutura do trabalho foi concebida como um estudo de caso, uma abordagem que, segundo Yin (2015), possibilita a investigação aprofundada de fenômenos contemporâneos em seu contexto real, favorecendo uma análise mais integrada do tema proposto.

A execução da pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo a primeira a realização de um levantamento quantitativo e qualitativo de matérias veiculadas no google, sobre o tema racismo no Liberatum. Na segunda etapa, analisamos, com base no *“Manual de Redação: o jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta”* (2023), as reportagens escolhidas e avaliamos a narrativa de cada portal.

Para realizar o levantamento quantitativo, fizemos uma pesquisa no *Google* com as palavras-chaves “racismo” e “Liberatum”, utilizando como filtro a guia anônima, para que a pesquisa não sofresse influência das nossas contas pessoais. A contagem das matérias publicadas foi feita de forma manual e todos os dados obtidos nessa pesquisa foram selecionados com base nas repetições de matérias nas buscas. Essa separação facilitou o processo de visualização e comparação dos veículos, para entendermos a variação de narrativas e o aprofundamento sobre o tema.

A primeira etapa da pesquisa foi realizar a seleção dos quatro primeiros *links* de matérias presentes no *Google*, que aparecem em três pesquisas e por meio de dispositivos diferentes. Todas as matérias selecionadas são do mês de novembro de 2023, escolhidas por meio do método da repetição. O principal recorte utilizado no momento de escolha dos materiais foi a preferência pelos primeiros *links* resultantes da busca.

A segunda etapa foi analisar o teor qualitativo desses materiais com base nos pensamentos de Stuart Hall e de alguns trechos do *“Manual de Redação: o jornalismo*

antirracista a partir da experiência da Alma Preta”, em que cita a análise crítica do jornalista, que ao cobrir casos de racismo deve ser feita a partir da análise aprofundada dos fatos, explicar no texto o que motiva a ocorrência dos acontecimentos noticiados e como afetam a população negra.

O CASO

O episódio analisado, ganhou repercussão na rede social *Twitter*, (atualmente “X”), e lá os comentários fomentaram discussões sobre o tratamento dado às pessoas negras no contexto do evento.

Um dos influenciadores negros, convidado a participar do evento, denunciou que ele e seus amigos foram alvo de atitudes desrespeitosas por parte de um integrante da organização. Segundo o relato, o comportamento do membro da equipe foi de desdém, chegando ao ponto de revistar seus pertences pessoais. Em resposta, a organização do evento divulgou uma nota em suas redes sociais, especificamente nos *stories* do *Instagram*, mas poucas horas depois a excluiu. A única medida oficial tomada foi a demissão do colaborador responsável pela conduta inadequada.

Nenhuma das celebridades presentes manifestou solidariedade ao influenciador Vitty, nem houve declarações nos canais oficiais do evento, seja por meio de uma nota à imprensa ou qualquer outra forma de posicionamento público. Esse silêncio gerou indignação e questionamentos por parte do influenciador, que lamentou a falta de apoio diante de uma situação de racismo.

DESENVOLVIMENTO

Para compreender a percepção dos veículos selecionados na amostra sobre o caso, durante a análise das reportagens, foram conferidas as estruturas das notícias, e alguns critérios foram levados em consideração, como: quais informações estavam ausentes nas reportagens, quem foi o agente dos crimes e qual foi o discurso proferido pelos jornalistas que discorreram sobre o caso.

Com o propósito de analisar o discurso presente nas reportagens selecionadas, montamos um quadro-síntese com informações que consideramos relevantes no decorrer da pesquisa e com o objetivo de destrinchar e visualizar melhor os elementos que compõem cada narrativa, mesmo que a reportagem tenha o mesmo viés.

Tabela 01 – Matérias Analisadas

	TÍTULO DAS MATÉRIAS	AGENTES	JORNALISTAS	VEÍCULOS
	Influenciador diz ter sido alvo de racismo em festival de celebração da cultura negra na Bahia.	membro da equipe e o profissional	A matéria não foi assinada	<i>Jornal Folha de São Paulo</i>
	Após caso de racismo, festival Liberatum se pronuncia: “é contra tudo que lutamos”	rapaz branco e de fora do Brasil	Matheus Ramos	<i>Notícia Preta</i>
	Festival Liberatum demite funcionário acusado de racismo em Salvador	colaborador do evento	A matéria não foi assinada	<i>Terra</i>
	Influenciador baiano denuncia racismo no Festival Liberatum “falta de respeito com as pessoas pretas”	membro da equipe	A matéria não foi assinada	<i>Grupo Metrópole</i>

Fonte: Autoras (2025).

A primeira reportagem foi publicada no dia 09/11/2023 com o título “Influenciador diz ter sido alvo de racismo em festival de celebração da cultura negra na Bahia”. Apesar do *lead* da matéria trazer um ponto de contra hegemonia (diferente das outras matérias) ao falar da relevância do evento para a cultura negra, a reportagem é voltada à vítima, e com uma fala colocada semanticamente em questionamento.

O termo “diz ter sido” utilizado no *lead* aponta para um aparente distanciamento e isenção da cobertura e sinaliza para o leitor que pode não ter sido

bem como diz a vítima. Dinâmica que pode reforçar a ideia de quem já é vítima ter que provar que está falando a verdade, o que gera, consequentemente, uma descredibilização da fala da vítima, pessoa negra.

A segunda reportagem é do veículo *Notícia Preta*, portal independente com viés antirracista e uma produção realizada por comunicadores negros. E apesar de ter vários aspectos que poderiam indicar uma cobertura completa sobre o caso, a matéria “Após caso de racismo, Festival Liberatum se pronuncia: ‘é contra tudo que lutamos’” publicada no dia 08/11/2023 tem pouco aprofundamento, e até uma ausência de assinatura profissional, pois todos os parágrafos, exceto o *leade*, possui aspas, recurso que muitas vezes quebrou a fluidez do texto e incomodou na leitura.

A terceira reportagem é trabalhada de forma coerente, mas sem diferencial. A matéria conta o que aconteceu, informa sobre o que é o festival, coloca aspas pontuais, apenas quando necessário e finaliza com a nota do festival. O material disponibiliza um *link* da rede social X, mas não utiliza outros recursos de ilustração, como fotos e vídeos, ou até mesmo busca por um especialista nesses casos, para dar uma opinião embasada nos estudos.

Já a quarta matéria foi publicada na rede social *Instagram* por meio de vídeo, e o que chama atenção são os trechos. A vítima relata o que aconteceu, e o vídeo atua como um recurso de comprovação da fala, pois o que é narrado aparece, como a cena em que o texto cita “um homem branco e estrangeiro, que fazia parte da produção do festival, constrangeu ele e seus amigos e tentou expulsar influenciadores pretos que estavam sendo fotografados por profissionais da comunicação no festival”. Além disso, o texto menciona a relevância do evento, e o nome de personalidades presentes, ponto que entra no critério de noticiabilidade do Manual de Redação do *Alma Preta*, quando uma combinação de recursos determina se o assunto é significativo, e ainda, a noticiabilidade demonstra o impacto do fato sobre as pessoas negras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da pesquisa foi possível realizar uma análise mais detalhada sobre como o racismo continua acontecendo em virtude de fatores históricos, estruturais e simbólicos, que estão vinculados no seio da sociedade, e logo, também está inserido no nicho jornalístico, seja ele de webjornalismo, telejornalismo e radiojornalismo, mesmo em pautas que apresentam ações progressistas a essa realidade.

De acordo com a análise das quatro matérias escolhidas, é possível identificar que a construção da reportagem e da estrutura narrativa possui uma linearidade, no que diz respeito a contar o caso, pois a vítima é colocada como centro da cobertura, o que de certo modo expõe a vítima. Além disso, o nome e identidade étnico-racial são destacadas nas matérias. Em contrapartida, a identificação das pessoas que teriam feito o crime de racismo não é divulgada, existe uma preservação intrínseca desses membros da comissão do evento Liberatum.

Outro ponto a ser destacado na análise, é a estrutura semântica utilizada nessas matérias, em alguns trechos a escolha das palavras para o texto, parece reforçar dúvidas sobre o que as pessoas negras envolvidas no caso relataram, colocando um questionamento sobre ser ou não verdade o que está sendo exposto. Percebe-se ainda a falta de criatividade e profundidade nos textos, por mais que as informações tivessem sido superficiais, os veículos poderiam ter entrado em contato com as vítimas, ouvido os relatos de forma atenciosa, tentado contato com os advogados de defesa dos suspeitos, ou até mesmo com os próprios. Seria pertinente a tentativa de trazer a pluralidade de vozes para a cobertura, com a participação de especialistas sociais que dominem a discussão sobre o racismo na sociedade, e como isso ocorreu no evento supracitado.

A combinação da análise revela e faz-se compreender que, mesmo quando pessoas pretas ocupam espaços, como o palco do Liberatum, elas ainda estão dentro de um sistema que quase sempre normaliza e reproduz a desigualdade como algo comum. Essa afirmação pode ser relacionada a obra *Lugar de Fala* (2017) de Djamila

Ribeiro, a qual defende que ocupar espaços pode não ser suficiente, principalmente se os alicerces que sustentam o racismo não forem destruídos, pois muitas vezes de forma inconsciente ou não, a presença de pessoas pretas em lugares públicos ou midiáticos é vigiada, e com imposição de limites pela classe considerada racialmente dominante. Nesse caso do evento *Liberatum*, existe uma representatividade sim, no entanto, sem transformação das estruturas que perpetuam o racismo. Ou seja, isto não garante proteção alguma contra as violências raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de um tema para qualquer pesquisa não é fácil, entretanto, se faz necessário retomarmos a uma discussão que é cara e urgente em nosso país: o racismo. Um breve exemplo disso é que, após dois anos do caso de racismo no *Liberatum*, uma das maiores emissoras do Brasil, a Globo, anunciou em comemoração aos 100 anos de história que, novos colonistas iam ampliar a diversidade e dar mais voz e estilo para o veículo, mas no quadro de fotos desses novos colaboradores o que não se vê é diversidade, principalmente a racial.

Diante das informações, é possível observar que mesmo em um evento voltado para a temática racial que enaltece o trabalho e trajetória da população negra, manifestações preconceituosas não são isentas de ocorrer. A relevância deste trabalho emerge nesse contexto, focando em momentos e pessoas que cometem o racismo, muito embora reconheçamos a necessidade de que existam eventos dessa magnitude, porém, nada servirá como justificativa ou respaldo para qualquer que seja a prática de racismo. Além disso, é válido pontuar que acessar *sites* e portais de notícias, é uma forma de acesso à informação, ou seja, os materiais produzidos nesses espaços têm o potencial de educar e informar quem os acessa, e por isso é necessário que haja responsabilidade por parte dos jornalistas e comunicadores ao escrever e divulgar casos que mostrem problemas da sociedade, como o caso citado.

O racismo, além de ser crime, é uma questão social enraizada, que impacta diversos aspectos da sociedade, e até mesmo eventos culturais inclusivos. A

manifestação do racismo no evento *Liberatum*, ilustra como o preconceito pode se infiltrar em espaços que buscam a inclusão e a diversidade. Essa incidência destaca a urgência de uma análise aprofundada sobre como o racismo opera em diferentes contextos, sublinhando a importância da educação, da consciência e uma abordagem de tolerância zero diante de tais comportamentos.

Uma abordagem responsável teria envolvido a adoção de medidas imediatas para abordar o incidente, garantindo apoio aos afetados e condenando de forma inequívoca o comportamento racista. No entanto, os organizadores parecem não ter compreendido a gravidade da situação, agravando a questão e expondo falhas sistêmicas na abordagem à diversidade e inclusão. Educar os indivíduos, aumentar a conscientização e promover uma postura de tolerância zero são passos cruciais para uma sociedade mais inclusiva.

É de fundamental importância existir um posicionamento contra toda e qualquer forma de preconceito. A escrita deste trabalho não extinguirá a discussão, muito menos abrangerá a complexidade do racismo no Brasil, mas contribui para entender a abordagem midiática nestes casos a fim de ajudar a combatê-la. É válido salientar que as notícias poderiam ter tido uma maior repercussão por parte da mídia, muito embora existam noticiabilidade, não foi o que consegui encontrar. Espera-se que esse trabalho sirva como inspiração para mensurar outros caminhos de enfrentamento ao crime de racismo. Isso pode ser feito com a adoção de medidas que vão desde uma escuta cautelosa à apuração meticulosa dos casos de violência racial, evitando o uso de estereótipos e palavras que reforcem a problemática, incentivando a elaboração de uma comunicação plural e inclusiva

REFERÊNCIAS

ALMA PRETA. **Manual de Redação**: o jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta. 2023. Disponível em: <https://almapreta.com.br/images/2023/11/manual-de-redacao-o-jornalismo-antirracista-a-partir-da-experiencia-da-alma-preta.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). **Mais de 5,2 mil violações de racismo e injúria racial foram registradas pelo Disque 100 em 2024.**

Agência Governo do Brasil, 20 nov. 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/novembro/mais-de-5-2-mil-violacoes-de-racismo-e-injuria-racial-foram-registradas-pelo-disque-100-em-2024>.

Acesso em: 10 fev. 2025

COLETIVO LENA SANTOS. **Herdeiras e herdeiros de Luiz Gama:** guia para um jornalismo antirracista. Belo Horizonte: Coletivo Lena Santos, 2022. Disponível em:

[https://prefacio.com.br/wp-content/uploads/2022/08/Coletivo-Lena-](https://prefacio.com.br/wp-content/uploads/2022/08/Coletivo-Lena-Santos_Ebook.pdf)

[Santos_Ebook.pdf](https://prefacio.com.br/wp-content/uploads/2022/08/Coletivo-Lena-Santos_Ebook.pdf). Acesso em: 08 fev. 2025

DIVERSIHUB. **O que é racismo estrutural?**. Disponível em:

<https://diversihub.einstein.br/etnias/o-que-e-racismo-estrutural/>. Acesso em: 06 fev. 2025.

FELIX, Carla Baiense; PAULLA, Monique; REBELLO, Fernanda. **Raça e racismo na imprensa:** visibilidade e enquadramentos no portal de notícias G1. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2024, Balneário Camboriú. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em:

https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/1007202423563667049f64adae5.pdf. Acesso em: 07 fev. 2025

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras** - Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-africanistas, 2018.

MADRUGA, Beatriz Pires. **Violência Policial e Racismo:** Reflexos Do Pacto Da Branquitude Na Produção Jornalística Do Jornal Nacional E Do Repórter Brasil. 2024.

MOURA, Tatiana Matias de; PERUZZO, Cicilia Krohling. **Racismo na mídia brasileira.** 2021. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/poscomufes/article/view/37843>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OLIVEIRA, Dennis de. **Midiatização e cobertura jornalística de casos de racismo.** Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico no XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, PUCMinas. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. São Paulo: Letramento; Justificando, 2017.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Imprensa Negra**: descobertas para o jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p555>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SILVA, Paulo Márcio Varela da. **O conceito de racismo estrutural**: aplicação no campo do Direito. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

ZUBARAN, Maria Angelica; WORTMANN, Maria Lucia; KIRCHOF, Edgar Roberto. 2016. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: Cultura, representações e identidades. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.

YIN, Robert. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015